

**Mattoso Câmara,
um Intelectual da Contemporaneidade**

Mattoso Câmara, an Intellectual of the Contemporaneousness

Joselice Macedo de BARREIRO*

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)

Universidade Católica de Salvador (UCSal)

RESUMO

Este trabalho objetiva prestar uma homenagem a Joaquim Mattoso Câmara Junior, considerado o Pai da Lingüística no Brasil, no momento em que completaria seu centenário. Apresentamo-lo como um representante do intelectual contemporâneo, de acordo com dois pontos de vista: o de Gramsci e o de Benda, discutidos ao longo deste trabalho. Gramsci propõe dois tipos de intelectuais, o “tradicional” e o “orgânico”. Benda apresenta o “verdadeiro intelectual” que age segundo princípios universais. A análise do extenso acervo de livros e artigos publicados por Mattoso Câmara e de suas diferentes atividades coloca-o como um intelectual contemporâneo tradicional e universal.

PALAVRAS-CHAVE

Lingüística. Sociologia. Intelectual contemporâneo.

* Sobre a autora ver página 150.

ABSTRACT

This paper aims to pay homage to Joaquim Mattoso Câmara Junior whose centennial we are commemorating now. We present him here as a representative of the contemporary intellectual dealing with this characteristic from two view-points. Antonio Gramsci and Julien Benda, discussed along this paper. Gramsci proposes two main types of intellectuals: the "traditional" and the "organic". Benda presents "true intellectuals" who act according to universal principles. The analysis of Mattoso Câmara's valuable heritage of published books and of his different activities place him as a traditional and universal contemporary intellectual.

KEY-WORDS

Linguistics. Sociology. Contemporary intellectual.

Muito já se escreveu sobre Mattoso Câmara, sobre seus livros, seus cursos, suas resenhas, artigos, etc. Cabe aqui esta reflexão respeitosa, impregnada de admiração, apenas como uma colaboração sincera à homenagem que se presta à sua obra e pela recente passagem de seu centenário. Não tenho a pretensão de trazer nada de novo do que já foi dito. Daí, a benevolência necessária do leitor deste artigo.

Proponho, nesta apresentação, primeiramente, a integrar Mattoso Câmara na categoria de um intelectual, contemporâneo, examinando duas posições contraditórias a respeito do intelectual, a de Gramsci e a de Benda, inserindo algumas atividades do homenageado naquela categoria. Em seguida, passo a rever, brevemente, alguns dos escritos que compõem o acervo de obras por ele deixado, focalizando sua posição como autor.

Justificando seu enquadramento na categoria de intelectual contemporâneo, alguns dados biográficos são aqui lembrados, mostrando sua inclinação desde muito jovem para o magistério. Formado em arquitetura (1927) e em Direito (1932), desde 1928 entrou para o magistério, nele permanecendo até sua morte, em 1970.

Com a assinatura C., publicou, no **Correio da Manhã** (Rio de Janeiro), uma série de pequenas lições de português, no decorrer do ano de 1934. Posteriormente, encontra-se a assinatura J. Mattoso Câmara Junior, como na "Explicação preliminar" da 1ª edição do **seu Dicionário de Lingüística e Gramática**. Em outros livros ou em citações, seu nome aparece como Joaquim Mattoso Câmara.

Logo saiu o primeiro volume de **Elementos de Português** e de **Elements of English**, coleção de livros didáticos para o ensino primário. Desde então, sua vida foi dedicada ao magistério, no qual já entrara em 1928, na área de língua. Neste campo, ajudou a criar no Brasil os estudos de teorias lingüísticas vigentes na época, aplicando-as à análise do português. Foi chamado, merecidamente, o Pai da Lingüística em nosso país.

Resenhou e traduziu obras que julgava úteis aos estudos da Lingüística Geral. Ainda na década de 1930, procurou acrescentar à ciência da linguagem aspectos sócio-culturais, proposta de E. Sapir, que foi um dos autores que ele mais traduziu, a exemplo dos livros: **A Linguagem: Introdução ao Estudo da Fala; Lingüística como Ciência: Ensaio**. Em 1928, começou a lecionar latim e português no já famoso Colégio Pedro II, criado a 2 de dezembro de 1837 e que foi, durante muito tempo, o modelo para as instituições escolares do país.

Influenciado pelo trabalho de lingüistas da época, como Jakobson, Bloomfield, em 1938, inaugurou o ensino de Lingüística na Universidade do Distrito Federal. Aliás, conforme Hamilton Elia, autor de uma **Síntese dos Estudos Lingüísticos no Brasil**, na 13ª edição do **Dicionário de Lingüística e Gramática**, Mattoso Câmara sofreu três influências em sua formação: a de Jonathas Serrano, com quem teve o privilégio de aprender, em casa, as disciplinas que faziam parte do currículo dos antigos cursos primário e secundário; a de George Millardet, o grande romanista, que ministrou curso na Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal a que assistiu Mattoso; e de Roman Jakobson, cujos cursos seguiu nos Estados Unidos, sofrendo dele uma influência que veio a refletir-se em sua obra posterior.

Pensando no grande acervo de livros, de artigos, no elevado número de cursos ministrados no Brasil e no estrangeiro, poderíamos pensar em Mattoso Câmara como um representante do intelectual contemporâneo em nosso país. Por quê? O que é um intelectual? Alguém poderia perguntar. Embora esta categoria tenha sido objeto de inúmeras discussões em diferentes áreas, como a Sociologia, a História (sobretudo a Sociologia), perguntas ainda ficam sem resposta, em decorrência, principalmente, de dificuldades de ordem metodológica. Os intelectuais constituem um grupo bem definido, homogêneo? Ou têm eles uma função também bastante definida?

Alguns historiadores falam nos “intelectuais da Idade Média”, ou mesmo, nos “intelectuais da Grécia antiga”. Para alguns, o intelectual é o personagem emblemático de nossa época. Mas trata-se de uma figura recente. Não pertence a uma categoria social definida, nem classe determinada, ou profissão. O que os intelectuais são, sim, em geral, profissionais da palavra falada e escrita, da introspecção, da análise do exercício da inteligência; profissionais que conhecem os circuitos da edição, da publicação, da mídia.

Os sociólogos americanos foram os primeiros a tentar uma análise sistemática da natureza e da função do intelectual. Segundo Lipset (1959), “os intelectuais são os que criam distribuem e põem em prática a cultura, ou seja, o mundo simbólico próprio da humanidade que abrange a arte, a ciência, a religião”. Shils (1958), na análise do “intelectual”, toma como ponto de partida, “as atividades intelectuais” que se referem à produção, à reprodução e ao consumo das obras intelectuais. É importante ressaltar que a produção intelectual é uma criação, uma inovação cultural que tem como resultado a ‘obra’ que pode ser ou um livro, ou um artigo de jornal, um artigo científico, um quadro ou ainda uma partitura musical. Os intelectuais, portanto, em seu domínio de atuação, criam, inovam. Mas a obra de um intelectual tem necessidade de um quadro cultural e institucional que permita um fenômeno de inovação. Teve Mattoso Câmara esse quadro cultural e institucional? Evidentemente que sim. A Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a da Universidade do Paraná, a da Universidade de Petrópolis, A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a de Georgetown foram, dentre outros, o quadro cultural e institucional que permitiram a Mattoso Câmara realizar as inovações introduzidas por ele nos estudos da língua portuguesa e da Lingüística em geral. E sem falar ainda dos congressos científicos de que participou no Brasil e no exterior. Dentre os numerosos colóquios a que compareceu, não posso me esquecer de sua presença marcante na Universidade Federal da Bahia, quando proferiu brilhante palestra, despertando sua fala enorme interesse, durante a realização do Colóquio de Estudos Luso-brasileiros.

Quando falo em inovações introduzidas pelo Mestre, refiro-me principalmente à gramática descritiva estrutural, cujos princípios difundiu

em seus livros e aos estudos históricos. Princípios que iam em oposição à gramática tradicional, na base da “arte de falar e escrever corretamente” e à gramática normativa que substituiu a descrição da língua por um código normativo. A partir de então, surgiram estudos referentes à lingüística descritiva com procedimentos múltiplos e variados, de acordo com as escolas a que se filiavam. Inovou Mattoso Câmara, portanto, divulgando o estruturalismo lingüístico do grupo de Praga, do estruturalismo americano, aplicando muitos de seus pressupostos teóricos à análise da língua portuguesa. Enquanto a Lingüística firmou-se e desenvolveu-se como ciência autônoma, a Gramática Comparativa não se preocupou diretamente com a descrição das línguas.

Posso dizer que foi Mattoso Câmara o instaurador da “discursividade lingüística” no Brasil, no sentido atribuído por Foucault (1969), ao discutir a função autor. Na ordem do discurso, é possível que alguém seja o autor de mais de um livro, seja o autor de uma teoria dentro da qual outros livros, outros autores estariam numa posição “transdiscursiva”. Lembra Foucault (1969) que, durante o século XIX, na Europa, surgiram autores que não podem ser confundidos com os “grandes” autores literários e nem com fundadores de ciências. Esses autores têm uma particularidade: além de serem os autores de suas obras, produziram algo mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos. São denominados por Foucault de fundadores de discursividade. Tomamos aqui um de seus exemplos. Marx não é somente o autor do **Manifesto** ou do **Capital**. Ele é um instaurador de discursividade porque tornou possível um certo número de analogias e um certo número de diferenças. Abriu espaço para outra coisa diferente dele que, no entanto, pertence ao que ele fundou. Saussure tornou possível uma gramática gerativa que é bastante diferente de suas análises estruturais. O mesmo fenômeno podemos identificar em Mattoso Câmara. Após a publicação pioneira dos **Princípios de Lingüística Geral**, dos **Problemas de Lingüística Descritiva**, da **História e Estrutura da Língua Portuguesa**, num campo até então vazio de publicações em português, multiplicaram-se artigos, livros sobre fenômenos tratados por Mattoso Câmara.

Com o suporte material e simbólico da “escola”, constituído, ao mesmo tempo, pelas universidades em que Mattoso Câmara ministrou aulas

e pelo Museu Nacional em cujo setor de Antropologia, desenvolveu um grupo de antropólogos e lingüistas que trabalhava conjuntamente com as línguas indígenas. Não foi, por isso, um intelectual isolado, encerrado em sua “torre de marfim”, como se costuma dizer.

Os momentos de efervescência cultural nos quais viveu Mattoso Câmara durante os anos 50 e 60 permitiram que inovações trazidas por ele para seu campo de atividades ainda sejam atuais e possam ser reproduzidas por um período durável. Mas para que houvesse essa acumulação de saber, de atividade criadora, duas condições o permitiram. Uma foi, como já dissemos, a existência de um quadro institucional, com uma certa liberdade de ação tanto política como intelectual, facilitada por sua personalidade de pesquisador e docente sério e responsável. Por outro lado, no domínio cultural havia uma tradição no sentido de “um sistema institucional e intelectual auxiliar”, isto é, o da existência dos “protetores das artes, das letras, bem como de críticos da produção intelectual”. E o que é importante: a “obra” intelectual implica muitas vezes a superação da tradição existente. Mas ela pode ser o ponto de partida de uma nova tradição.

Como já foi referido acima, entre os anos 50 e 60 do século XX, viveu Mattoso Câmara momentos de efervescência cultural e lingüística, em âmbito internacional e cultural e político, no Brasil. Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, são os anos do estruturalismo triunfante. A Lingüística, promovida à posição de ciência piloto, está no centro do dispositivo das ciências. O otimismo é evidente em publicações da época. No Brasil, há importantes acontecimentos na área cultural. É o momento da estratégia desenvolvimentista de Juscelino Kubistschek. Brasília, a nova capital que ele audaciosamente iniciou, representava ‘o sinal dos novos tempos’, apontando para “um novo Brasil”, “uma nova maneira de ser”, como se dizia na época. Essa euforia provocou, além de suas conseqüências econômicas, novas condições para a criação cultural brasileira. Foi um período fértil para o surgimento das chamadas “vanguardas artísticas”: poesia concreta, poesia práxis. Foram publicados: **Formação da Literatura Brasileira**, de Antonio Cândido; **Formação Econômica do Brasil**, de Celso Furtado, **Visão do Paraíso**, de Sérgio Buarque de Holanda, entre outros. Mas a inflação e as tensões sociais iriam produzir grandes mudanças no cenário político. O golpe militar em 1964 trouxe terríveis conseqüências

para a população em geral, intelectuais, estudantes, enquanto durou. Os artistas brasileiros tomaram parte muito ativa em todas essas transformações não só como indivíduos, mas também através de sua produção intelectual.

Mattoso Câmara passou o ano letivo 1962-1963 em Portugal, lecionando Lingüística na Universidade de Lisboa. De 1963 a 1968, esteve nos Estados Unidos, onde lecionou em diferentes universidades americanas. Vivenciou as técnicas descritivas que já eram variadas, mas não contraditórias, propriamente, se pensarmos no Círculo Lingüístico de Praga, na Glossemática de Hjelmslev, na Escola Americana de Bloomfield e na Inglesa de Firth, que representavam as orientações mais importantes na fase primeira do movimento. Em sua volta ao Brasil, encontrou, em relação à análise do português, terreno ainda praticamente inexplorado, em termos de análise descritiva estrutural.

Ao tratar sobre a formação dos intelectuais, Gramsci (1949), levanta uma questão complexa: os intelectuais são um grupo social autônomo independente, ou cada grupo social tem uma categoria própria, especializada de intelectuais? É questão complexa, pelas várias formas pelas quais o processo histórico real da formação das diversas categorias intelectuais vem assumindo (GRAMSCI, 1949, p. 186).

Se nos situamos no território originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cada grupo social cria para si um ou mais grupos de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência. Por exemplo, o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política etc., no intuito de criar condições favoráveis à expansão de sua classe. São, de acordo com Gramsci (1949), os intelectuais “orgânicos” os que cada nova classe cria para si mesma. Se pensamos no operário, qualquer que seja sua atividade, como trabalho físico, o mais mecânico, existe um mínimo de atividade intelectual criadora. Mas cada grupo social ‘essencial’ encontrou na história categorias intelectuais pré-existentes, como a dos eclesiásticos, monopolizadores de alguns serviços importantes. A categoria dos eclesiásticos era equiparada juridicamente à aristocracia porque com ela dividia o exercício da propriedade feudal da terra.

Segundo Gramsci (1949), a “escola” é o instrumento para elaborar intelectuais de diversos graus. E aqueles que desempenham de fato a função de intelectuais na sociedade podem ser divididos em dois tipos: os

“intelectuais tradicionais – professores, eclesiásticos e administradores –; e os “intelectuais orgânicos”, como o atual especialista de publicidade ou de relações públicas que forjam técnicas para alcançarem uma maior quota de mercado para um produto. Gramsci distingue ainda intelectuais e não intelectuais. Mas esta distinção refere-se apenas à função social da categoria profissional dos intelectuais. Para ele, não existem não intelectuais, e não há atividade humana da qual se possa excluir qualquer intervenção intelectual. O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual está representado pelo literato, pelo filósofo e pelo artista. Parte, então, para uma generalização: “Todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função intelectual” (GRAMSCI, 1949, p. 187).

Conforme o autor, os intelectuais orgânicos estão envolvidos de forma ativa na sociedade, isto é, numa luta constante para mudar as mentalidades e expandir os mercados, ao contrário dos professores e dos eclesiásticos que permanecem mais ou menos imutáveis, desenvolvendo o mesmo tipo de trabalho, ano após ano. Os intelectuais orgânicos estão sempre em movimento.

Mattoso Câmara, aparentemente, estaria incluído no grupo de intelectuais tradicionais. Mas a multiplicidade de atividades exercidas por ele extrapola as características deste grupo.

Por isso, vale a pena examinar, rapidamente, a posição contrária, a de Benda (1980). Segundo ele, os verdadeiros intelectuais são criaturas muito raras, uma vez que, geralmente, defendem padrões eternos de verdade e de justiça que não fazem parte deste mundo. Daí o termo religioso com o qual o autor os define, “clérigos”, que corresponde a uma distinção na posição social e atuação que ele contrapõe às pessoas comuns interessadas em promoção social e, se possível, numa relação próxima dos poderes seculares.

Benda (1980) defende, ainda, que os verdadeiros intelectuais são “aqueles” cuja atividade não se centra essencialmente na busca de objetivos práticos; são todos os que procuram satisfação no exercício de uma arte, ou ciência ou da especulação metafísica, em suma, na fruição de vantagens não materiais. A posição do autor parece-me a mais apropriada para caracterizar a atividade intelectual de Mattoso Câmara. Um pequeno detalhe concretiza o que quero dizer. Convidado por universidades estrangeiras

para ministrar cursos que lhe renderiam mais do que recebia no Brasil, aceitou alguns desses convites, mas voltou a seu país, onde se sentia, talvez, mais compromissado na sua missão de divulgador de teorias estruturalistas e de analista descritivo do português, demonstrando não viver alheio a este mundo, fechado na sua “torre de marfim” de intelectual. Além disso, ao ver os intelectuais na figura de personagens simbólicos, marcados pela distância em relação a assuntos práticos, Benda considera que eles não podem ser numerosos. Têm de ser indivíduos com personalidade forte, num estado constante de oposição ao *status quo*. Portanto, enquanto Gramsci propõe que todo trabalhador é um intelectual, Benda restringe o conceito nomeando como tal apenas alguns homens. Complementando a posição de Benda, acrescento um outro tipo de intelectual: aquele chamado de *universal* por Foucault (1981). Esse é o *intelectual específico, alguém que domina uma matéria, mas que é capaz de aplicar seus conhecimentos em qualquer campo*.

Assim vejo Mattoso Câmara, como um intelectual contemporâneo tradicional e ao mesmo tempo universal, tendo em vista sua atuação em diferentes áreas e especificamente na Lingüística descritiva e na análise da estrutura do português, segundo aqueles princípios. O intelectual universal atua com base em princípios universais. Mas lembro que não há alguém que aja apenas como porta voz. Há sempre a inflexão pessoal e a sensibilidade individual (o *ethos*), que dão sentido ao que é dito ou escrito. Em suma, o que interessa é o intelectual enquanto figura representativa. Quando releio Mattoso Câmara, é a sua voz e presença individual que me impressionam, para além e acima dos argumentos com os quais defende suas convicções.

Nos vários estudos sobre o intelectual, tem havido muitas definições a seu respeito e pouca atenção à imagem (o *ethos*), às marcas pessoais, ao desempenho.

Afinal, o que representa hoje o intelectual? Que fale Wright Mills: “um intelectual ferozmente independente, com uma visão social apaixonada e uma capacidade notável de comunicar suas idéias, numa prosa clara e envolvente” (apud SAIDE, 1995, p. 33). Assim me lembro de Mattoso Câmara.

Segundo alguns estudiosos, a evolução dos estudos lingüísticos pode dividir-se em três fases: a gramatical, a filológica e a lingüística propriamente dita. A primeira é a da gramática normativa, sem o embasamento da ciência da linguagem, cujo uso sistematizado e prioritário já era criticado na época.

Em Portugal, Adolfo Coelho, em seu opúsculo **O Ensino da Língua Portuguesa** diz que “é realmente no estudo atual do nosso ensino primário e secundário, uma das causas principais por que não se aprende a língua”. No Brasil, na célebre polêmica entre Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro a respeito da redação do Projeto do Código Civil Brasileiro, predominou a preocupação normativista dos fatos da linguagem. Portanto, nesta primeira fase, impera a gramática normativa que ainda continua a exercer sua influência no ensino da língua portuguesa nos níveis fundamental e médio e mesmo em algumas escolas superiores. Nesta fase, a figura mais representativa é a de Mário Barreto.

O final do século XIX marca a segunda fase. Os intelectuais da época elaboraram gramáticas, visando a formar brasileiros em uma sociedade em que o saber tivesse seu lugar. Conforme Orlandi e Guimarães (2001, p. 24), a gramática no Brasil, nesse período, distancia-se do modelo da gramática filosófica do português Jerônimo Soares Barbosa, em particular, e da gramática portuguesa, em geral. Ainda segundo esses autores, um fato importante neste processo de gramatização brasileira do português foi o Programa de português para os exames preparatórios, organizado por Fausto Barreto (ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E., 2001, p. 25). Nesse processo, destacam-se os gramáticos Júlio Ribeiro, para quem o Programa “é cientificamente organizado sobre as bases sólidas da ciência da linguagem” (apud ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E., 2001, p. 25-26) e Maximino Maciel, segundo o qual o “programa marcou uma nova época no ensino das línguas e emancipou o vernáculo das doutrinas retrógradas dos autores portugueses que eram adotados”, fazendo com que fatos da língua fossem esclarecidos à luz das novas doutrinas (cf. ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E., 2001, p. 26).

Na terceira fase, a preocupação dos estudiosos é voltada preferentemente para os estudos de caráter lingüístico. É a esta fase que pertence Mattoso Câmara, quando já era um mestre conceituado. É o momento também em que são fundadas Faculdades de Filosofia. Mattoso Câmara, até os anos 43, depois de fazer um curso de especialização em Lingüística Latina e Neo-latina na Universidade do Distrito Federal, por ela foi convidado a lecionar em 1938, o que fez por dois anos, até a data em que foi fechada.

Fez cursos na Universidade de Columbia (New York), tais como *Fundamentos da Linguagem* e *Línguas da África*. Na Universidade de Chicago (*Ecole Libre des Hautes Etudes*) cursou *Linguística Geral*.

Voltando ao Brasil, fez o doutorado em Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil (1949) e, em 1953, obteve a docência livre de Língua Portuguesa na mesma Universidade. A partir de 1950, tornou-se professor-adjunto de Linguística na Faculdade Nacional de Filosofia (que passou a ser denominada, depois, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Fato curioso: no Prefácio à primeira edição do livro **Princípios de Linguística Geral**, Sousa da Silveira informa que a Universidade do Distrito Federal pouco durou. Foi extinta no começo do ano letivo de 1939 e, em seu lugar, instalou-se a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Mas esta Universidade não concedeu, inicialmente, um lugar especial à Linguística. Nos currículos de Letras, esta disciplina tinha duas alternativas: ou ficar ausente do ensino ministrado na Faculdade ou dispersar-se de uma maneira desconexa pelos diversos programas de língua, sob a forma secundária de simples pontos das matérias a que os programas se referiam. “É uma falta realmente lamentável que mais cedo ou mais tarde – tenho esperança – há de remediar-se”, afirma Sousa da Silveira. E remediou-se. A partir de 1962, por determinação do Conselho Federal de Educação, Linguística passou a ser disciplina obrigatória nos currículos de Letras. Este tipo de rejeição pública à instauração do “novo” compreende-se pela interferência a uma tradição já estabelecida numa área específica do mundo acadêmico.

Deixou Mattoso Câmara 14 livros publicados, além de cerca de 75 artigos e 34 resenhas. Vale ressaltar que até o fim do primeiro semestre de 1941 não se contava com nenhum compêndio de Linguística em português. Segundo o que nos conta Sousa da Silveira no prefácio já citado, quando o Mattoso deu o primeiro curso de Linguística, entusiasmado com o que assistia, pediu ao diretor da Revista da Cultura a publicação daquelas lições que mereciam ser divulgadas.

Em 1941, a Livraria Acadêmica publicou-as sob o título de **Princípios de Linguística Geral**, apresentados como introdução aos estudos superiores de Língua Portuguesa. Inúmeras foram as apreciações de especialistas e de estudiosos sobre o livro em pauta. Herculano de

Carvalho, da Universidade de Coimbra, assim opinou: “Obra didática em que não se pretende expor teoria original, o livro tem contudo a originalidade da reflexão pessoal que leva à aceitação ou á rejeição das soluções propostas para cada problema”. Para ele, Mattoso Câmara é verdadeiramente um pioneiro dos estudos de Linguística Teórica como da fonologia, e não só no Brasil, mas no mundo da língua portuguesa. Na opinião de Silvio Elia, Mattoso Câmara coloca-se entre os mestres da ciência que abraçou, pois revela cultura, segurança, perfeita assimilação dos autores lidos, harmonia e equilíbrio na distribuição dos temas, clareza de exposição, bom senso na apresentação e resolução das questões mais intrincadas. O livro é ideal para introdução da Linguística Geral. Roman Jakobson assim se exprimiu: “I read it with greatest pleasure as one of the really modern critical survey of the pivotal problems of general linguistics”.

Princípios de Linguística Geral abarca um estudo da Linguística Geral, seu objeto e modalidades; o fonema; a sílaba e o vocábulo fonético; unidades significativas, tipos de morfemas, significações linguísticas; as categorias de gênero e de aspecto, espécies de vocábulos; a frase, sua conceituação e estrutura. Parte, então, o autor para a evolução linguística envolvendo a evolução fonética, leis fonéticas; empréstimo, sua amplitude e aspectos sociais.

Como acontece, quando se fere uma tradição, há, em geral, uma reação contra o “novo”. Assim aconteceu com as novas idéias divulgadas por Mattoso Câmara, sobretudo no que tange ao enfoque sincrônico. Ao lado do impacto positivo causado entre especialistas e um número reduzido de professores universitários, entre professores dos ensinos fundamental, médio e superior, a reação negativa foi grande. Acusaram os linguístas de desprezarem a gramática tradicional e mesmo a normativa escolar. Evidentemente, estas restrições e mal entendidos limitaram-se aos primeiros anos de divulgação do livro.

A publicação de **Princípios de Linguística Geral, Dicionário de Filologia e Gramática, Manual de Expressão Oral e Escrita e Problemas de Linguística Descritiva** marca o estabelecimento de uma bibliografia básica em Linguística utilizada por alguns anos nas universidades brasileiras.

Gostaria de fazer algumas observações sobre mais três de suas obras: **A História da Linguística**, a História e Estrutura da Língua Portuguesa e

Estrutura da Língua Portuguesa. A primeira foi escrita originalmente em inglês, como fruto de sua docência na Universidade de Washington, Seattle, durante o *Linguistic Institute*, promovido pela *Linguistic Society of América*, em 1962. Três anos e meio depois, lecionou, em Montevideo, curso semelhante no I Instituto de Linguística. Em 1967, no México, não mais em inglês, mas em apostilas em português. Era intenção de Mattoso Câmara redigir um texto em português, com base na sua formulação original em inglês. Mas a multiplicidade de compromissos que assumira e seu *desaparecimento* impediram-no. Segundo Francisco Gomes de Matos, que fez a apresentação do livro na edição da Vozes, ao ressaltar a atualidade da obra, afirma:

a perspectiva aberta por Mattoso Câmara, através dessa obra é de grande relevância, graças à profunda capacidade analítica e à visão crítica altamente seletiva de que Mattoso Câmara era dotado [...] (MATOS, 1975, p. 8).

O livro **História e Estrutura da Língua Portuguesa** foi também escrito originalmente em inglês, entre 1963-1965, a pedido da Universidade de Chicago para fazer parte da coleção “The History and Structure of Languages”. Em 1972, foi traduzido para o português. Esta obra é uma síntese do que havia de melhor no domínio da língua portuguesa, pois Mattoso Câmara dominava os métodos científicos de descrição sincrônica desenvolvidos pelos especialistas e tinha à disposição os notáveis resultados obtidos pela lingüística diacrônica, quando aplicados ao português.

Estrutura da Língua Portuguesa é um livro em que Mattoso Câmara endossa a proposta teórica da dupla articulação da linguagem, de André Martinet. Além da parte “Introdutória”, há a Parte Primeira do livro, que é voltada para a 2ª Articulação ou Fonologia; e a Parte Segunda, que trata da 1ª Articulação ou Morfologia. Este foi o último livro do Mestre. Ficou incompleto, em termos da descrição da estrutura do português. Somente duas partes ficaram prontas, revistas pelo autor e consideradas definitivas, segundo informação dos editores.

Na parte intitulada “Advertência”, Mattoso Câmara esclarece: “Esta *Estrutura da Língua Portuguesa* foi feita em virtude de um convite especial e espontâneo da Editora Vozes” (CÂMARA JR., 1970, p. 7). O tema abordado não era novidade para ele, pois tratava sobre a questão em diferentes cursos

no Brasil e no exterior, e, sistematicamente, de 1956 a 1968, em seu trabalho na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Petrópolis, como professor titular de Português.

Enfim, espero ter cumprido a modesta proposta feita no início deste trabalho, aproveitando a oportunidade para exprimir minha grande admiração e gratidão pelo homenageado neste número de **Estudos da Língua(gem)**. Gratidão pela maneira atenciosa e delicada com que me atendeu quando, de regresso ao Brasil, após meu doutorado na França, visitei-o em Lisboa, onde pontificava na Universidade de Lisboa. Sua orientação deu-me alento para começar minha carreira docente no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, desde 1963.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENDA, J. **The Treason of the Intellectuals**. London: Norton, 1980.
- CÂMARA JR., J. M. **Princípios de Lingüística Geral**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969. Edição original: 1942.
- CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de Filologia e Gramática**. Petrópolis: Vozes, 1981. Edição original: 1956.
- CÂMARA JR., J. M. **Manual de Expressão Oral e Escrita**. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1961.
- CÂMARA JR., J. M. **História da Lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1975. Edição original: 1962.
- CÂMARA JR., J. M. **Problemas de Lingüística Descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1969.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CAMARA JR., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão Livrada Editora, 1985. Edição original: 1972.
- FOUCAULT, M. O que é um autor?. In: _____. **Ditos e Escritos III, Estética, Literatura, e Pintura**. Tradução de Inês Autran D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 264-298. Edição original: 1969.

FOUCAULT, M. **Power, Knowledge:** selected interviews and other writings 1972-1977. Harvester: Colin Gordon, 1981.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. Edição original: 1949.

JAKOBSON, R. **Fonema e Fonologia:** ensaios. Seleção, tradução e notas, com um estudo sobre o autor, por J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

LIPSET, S. M. **American Intellectuals:** their politics and status. London: Heinemann, 1959.

MATOS, F. G. de. Apresentação. In. **História da Lingüística.** Petrópolis: Vozes, 1975.

ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo. Formação de um Espaço de Produção Lingüística: a Gramática no Brasil. In: _____. (Org.). **História das Idéias Lingüísticas** – construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat, 2001. p. 21-38.

SAIDE, E. **Representações do Intelectual** – as palestras de reith de 1993. Tradução José Reis Leal et al. Lisboa: Edições Colibri, 1995.

SAPIR, E. **A Linguagem:** introdução ao estudo da fala. Traduzido por J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1954.

SAPIR, E. **Lingüística como Ciência:** ensaios. Seleção, tradução, notas de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SHILS, E. The intellectuals and the power: some perspectives for comparative analysis. In: _____. **Comparative Studies in Society and History.** London; New York: Cambridge University Press, 1958. p. 5-22.

Salvador, agosto de 2005.

SOBRE A AUTORA

Joselice Macedo de Barreiro é doutora em Linguística pela Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne), U.P. I, França, (1963). Professora aposentada da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA, onde atua como professora colaboradora. Professora de disciplinas da área de Análise do discurso no Programa de Pós-Graduação Ciências da Família, da Universidade Católica de Salvador (UCSal). Líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos da Análise do Discurso (Usal/CNPq). Autora de vários artigos, entre quais: *Os falantes como lingüistas*; *Subsídios para a tradução de um discurso polêmico*; Autora dos capítulos de livro: *O Poder Político e a Fábula*; *Percurso da Argumentação até a Contemporaneidade*; *Aspectos da Tradução Latina sob a Ótica da Análise do Discurso*.